

### As imagens barulhentas nos cotidianos e currículos escolares

Segundo o filósofo Byung-Chul Han, “as imagens digitais de hoje em dia são sem silêncio”, “imagens inquietas”, que “não falam ou contam, mas sim fazem barulho”. (Han, 2021). As imagens barulhentas, com música e gestos, ou as imagens que parecem saltar, compartilhadas a todo tempo, chegam às escolas todos os dias. Chegamos aos pátios e lá estão os estudantes com as imagens em suas mãos, num movimento de “repetição” que nos instiga a pensar (Alves, 2019, apud Tadeu, 2004). Assumimos aqui as imagens e as tecnologias pelas quais passam tais imagens - os aparelhos celulares -, como *artefatos* com os quais podemos tecer *usos* em nossos cotidianos escolares (Certeau, 2014).

Os aparelhos celulares, assim como outras mídias em outros contextos, aparecem como vilões nas escolas. Proibidos, controlados com regras, ofícios, normativas, negociados com os professores e demais profissionais nas escolas, são acusados de roubar a atenção dos estudantes e as nossas, como se nos roubasse o tempo, nos distraíndo daquilo que deveríamos dar atenção. Por outro lado, vivemos algumas facilidades com eles: resolvemos questões que demandariam deslocamentos, trocamos mensagens com muitas pessoas simultaneamente sem precisar fazer ligação, nos organizamos para tarefas coletivas, nos informamos, lemos no caminho para a escola e trabalho, ou seja, inventamos seus *usos* e criamos alguns tempos possíveis, não há só perda de tempo. Esses mesmos *artefatos tecnológicos* mediarão uma parte significativa do encontro com os estudantes durante o tempo do isolamento social e da suspensão das aulas nas escolas em virtude da pandemia de Covid 19. Não obstante, é importante recordar que nesse contexto, governos e secretarias de educação negligenciaram as dificuldades de acesso dos estudantes aos aparelhos e redes de internet e não garantiram a possibilidade do encontro remoto a todos.

Com as pesquisas com os cotidianos compartilho o percurso que provoca indagações sobre a relação das tecnologias, imagens e culturas com os currículos escolares para além da perseguição ao *artefato tecnológico*, buscando perscrutar as possíveis *táticas* de *uso* de seus *praticantes* (Certeau, 2014). Entendendo assim, que os celulares estão *dentrofora* das escolas

porque estão *encarnados* em nós. Ou seja, trata-se de ir além do artefato ‘de fora da escola’, que adentra, invade o espaço escolar, mas “articular o que vai sendo pensado, usado, criado nesses múltiplos contextos” (Vargas et al., 2007, p.66) , a fim de assumir caminhos em que os celulares e as imagens que eles carregam e por eles são compartilhadas se relacionam com os currículos.

Com uma “imagem inquieta” e barulhenta, um estudante interrompeu a aula que tinha como tema debater a questão racial no Brasil, para nos mostrar uma fotografia em seu celular. Tratava-se da foto de um jogador de futebol brasileiro erguendo o punho esquerdo diante da vitória. Segundo o estudante, essa imagem representava a luta da população negra nos Estados Unidos contra o racismo.



Foto do jogador Taison comemorando o gol do seu time em 2021.

Foto: Ricardo Duarte/DVG/Inter.

O celular passou de mão em mão, até que outro estudante começou a procurar a foto em seu próprio celular e encontrou outras fotos com outros punhos erguidos. Era 2021, e, pelos celulares, passaram algumas imagens das manifestações dos movimentos “*Black Lives Matter*” e “*Vidas Negras Importam*”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Black lives matter* foi a hashtag usada por três mulheres negras norte-americanas para protestarem nas redes sociais contra a absolvição de um homem branco acusado de assassinar um jovem negro no ano de 2014 nos EUA. Ao compartilhamento da hashtag seguiu-se uma importante onda de protestos de ruas contra a violência policial e injustiças que acometiam e acometem a população afrodescendente norte-americana. Em 2020, assistimos uma nova onda de protestos contra a violência policial estadunidense após o assassinato, por sufocamento, de George Floyd. As manifestações antirracistas ganharam as ruas de várias cidades no mundo. No Brasil, as manifestações ocorreram a partir de junho de 2020, organizadas por coletivos de favelas, que denunciavam as operações policiais em tempos de pandemia e a vulnerabilidade da população negra diante do avanço do vírus e da política negacionista por parte do governo; o caso do menino Miguel, abandonado pela empregadora de sua mãe em Recife, motivou muitas pessoas a irem para as ruas denunciar o racismo.

Ao compartilhamento das imagens tecemos uma conversa, que nomeio *geradora* (Freire, 2021), sobre as manifestações e os símbolos antirracistas. A *conversa geradora* possibilitou construir uma “roda de conversa com imagens” (Guerreiro; Andrade, 2018) dos punhos cerrados na história do Brasil e Estados Unidos ao longo do século XX. Escolhemos as imagens e as reproduzimos por meio de datashow. À contemplação de cada uma, seguíamos a conversa sobre ‘*versentir*’ (Alves et al., 2019).

Com o breve relato dessa prática, busco propor continuidades na reflexão sobre os *usos* dos aparelhos celulares nas escolas e suas possibilidades de acesso à imagens, fotografias e vídeos produzidos ou não pelos estudantes. As imagens “sem silêncio” habitam nossos currículos porque nos contam sobre os acontecimentos, os movimentos, os cotidianos. Sem sucumbir à uma defesa rasa da tecnologia e sem aderir à sua proibição moral, podemos pensar os celulares e suas imagens e sons como *artefatos* que articulam informações, culturas, saberes, sentidos e pensares.

### **Referências:**

ALVES, Nilda; CHAGAS, Cláudia; MENDONÇA, Rosa Helena. **Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos - migrações e cotidianos escolares.** In: OLIVEIRA, Inês B; PEIXOTO, Leonardo & SÜSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente. Curitiba: CRV, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUERREIRO, João; ANDRADE, Nivea. **Pensando a democracia com jovens da Baixada Fluminense: algumas rodas de imagens e outras rodas de conversa.** Políticas Culturais em Revista, v. 11, n. 2, p. 79-100, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

VARGAS, Maja; FILÉ, Valter; ALVES, Nilda. **Tecnologias, imagens, sons e currículos nos cotidianos.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Currículo sem fronteiras, v. 7, n. 2, p. 38-70, 2007.

### *Sobre a autora:*

Andreza Prevot é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação na UFF, na linha de pesquisa Estudos do Cotidiano e Educação Popular. É pesquisadora no grupo de estudos e pesquisas Juventudes, Infâncias e Cotidianos e professora de história nas redes municipal e estadual do Rio de Janeiro.